

## COVID-19: A DETECÇÃO DE FAKE NEWS POR PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS NO BRASIL

### Covid-19: the detection of fake news by public school teachers in Brazil

Diego de Deus<sup>1</sup>  
Associação Brasileira de TV Universitária  
Adinan Carlos Nogueira<sup>2</sup>  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG

#### Resumo

Este estudo teve o objetivo de demonstrar a habilidade que professores de ensino médio de duas escolas públicas de uma cidade de cerca de 15 mil habitantes, no sul de Minas Gerais, possuem em identificar uma *fake news* a respeito da Covid-19, além de averiguar a habilidade que possuem em checar informações na internet. Trata-se de um estudo exploratório, que recorta, complementa e analisa dados inicialmente trazidos pela pesquisa intitulada “A identificação de *fake news* por alunos e professores: um experimento em escolas públicas no Brasil”. O método foi dividido em duas partes: na primeira, 27 professores responderam a um questionário e, na segunda, cinco deles passaram por entrevistas. Notou-se que a especialidade de ensino de cada professor demonstra diferenças no modo que lidam com o tema e que os docentes que se dedicam às áreas de linguagens e ciências sociais possuem maior facilidade em identificar uma notícia falsa, e maior habilidade em checar determinada informação que possa parecer duvidosa.

**Palavras-chave:** Literacia; Redes Sociais; *Fake news*; professores; Covid-19.

#### Abstract

This study aimed to demonstrate the ability that high school teachers from two public schools in a city of around 15 thousand inhabitants, in the south of Minas Gerais, have in identifying fake news regarding Covid-19, in addition to investigating the ability they have to check information on the internet. This is an exploratory study, which cuts, complements and analyzes data initially brought by the research entitled “The identification of fake news by students and teachers: an experiment in public schools in Brazil”. The method was divided into two parts: in the

<sup>1</sup>Mestrando em Comunicação pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH/PPGCOM-UFGM. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É integrante da Rede SIMM: Rede de Pesquisa em Semiótica, Interações e Materialidades Midiáticas. Também integra o Grupo de Pesquisa Mídia, Semiótica e Pragmatismo - Mediação (UFGM/CNPq). Possui graduação em Jornalismo pelo Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (UNIFAE). É produtor e roteirista do documentário “Democracia da Desinformação”. Atua como editor-adjunto da revista acadêmica da Associação Brasileira de TV Universitária (ABTU).  
E-mail: [diegodeus.bot@gmail.com](mailto:diegodeus.bot@gmail.com)

<sup>2</sup> Possui graduação em Publicidade e Propaganda pela Fundação Armando Álvares Penteado (1992), pós-graduação em Gestão Estratégia de Marketing pela PUC-MINAS, e mestrado em Administração e Desenvolvimento Organizacional - Superintendência Nacional da CNEC (2007). É doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Lusófona (Lisboa/Portugal). Também é diretor da Agência Cervantes Montenegro, professor assistente IV da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e professor na Unifae.  
E-mail: [adinan@agenciacervantes.com](mailto:adinan@agenciacervantes.com)

+

++ first, 27 teachers responded to a questionnaire and, in the second, five of them underwent interviews. It was noted that the teaching specialty of each teacher demonstrates differences in the way they deal with the topic and that teachers who dedicate themselves to the areas of languages and social sciences have greater ease in identifying fake news, and greater ability to check certain information that may seem doubtful.

**Keywords:** fake news, teachers, Covid-19, literacy, social networks.

## Introdução

Com o desenvolvimento das redes sociais on-line, criou-se formas de se comunicar e métodos de acesso à informação (Delmazo; Valente, 2018). Neste cenário, no entanto, figuram-se as chamadas *fake news*, ou, simplesmente notícias falsas, em uma tradução literal para a Língua Portuguesa. O termo que se popularizou principalmente a partir das eleições norte-americanas de 2016 (Allcott; Gentzkow, 2017) tem como propulsor a alta facilidade que as plataformas digitais de comunicação oferecem para a criação, circulação e alcance de informações possivelmente fraudulentas por parte de seus usuários (Spinelli; Santos, 2018).

De fato, desde que o assunto ganhou força no cenário internacional foi notado que a temática tem atravessado diversos debates e eventos ao redor do mundo, como é o caso do *Brexit*, no Reino Unido, quando discursos falaciosos eram compartilhados e até mesmo apropriados pela ala política e de apoiadores do movimento separatista do Reino Unido da União Europeia (D'Ancona, 2018). Além do *Brexit*, também é possível citar as eleições nacionais do Brasil, em 2018 (Ribeiro; Ortelado, 2018) e em 2022 (Tavares; De Souza; De Oliveira, 2022), além da pandemia de COVID-19, a nível mundial, com incessantes informações falsas a respeito da doença (Naeem; Bhatti; Khan, 2020) que endossou, inclusive, o negacionismo científico sobretudo no que diz respeito à utilização de vacinas para o combate à doença (Paes, 2022).

Conforme Duffy e Tandoc (2020), um dos principais motivos pelos quais as *fake news* se tornaram tão relevantes no cenário contemporâneo, diz respeito ao potencial risco que podem oferecer às instituições democráticas, bem como aos cidadãos. Isso porque a obstrução do acesso à informação em fontes fidedignas

pelo público também é capaz de criar conflitos interpessoais - os discursos de ódio são um exemplo disso (Araújo, 2021), à medida em que determinados grupos ou indivíduos sofrem danos morais e até mesmo físicos devido às informações falsas - potencializando o cenário desinformativo observado atualmente (Ismailova; Wolfengagen; Kosikov; Maslov; Dohrn, 2020)

No contexto da pandemia de Covid-19, o jornalismo como um todo, se preocupou em repassar informações fidedignas ao público (Lopes; Araújo; Magalhães; Sá, 2020). Para Kucinski (2000), o grande desafio do jornalismo em uma crise de saúde coletiva é o de lidar com o excesso de informações e não com a falta desses dados como muitos imaginam e como se fez presente em outras pandemias ao longo da história, quando o desenvolvimento dos meios de comunicação ainda era limitado em relação às condições atuais.

Harari (2020) destaca que o jornalismo e, em especial o de saúde, em momentos de crise, possui um papel ainda mais importante para criar uma certa proteção aos cidadãos com um papel pedagógico de orientações. Ao considerar uma base de informações e eficácia no método de informar, a partir de orientações preventivas ou medicamentosas com a mediatização de profissionais da área de saúde para com a população. Assim, cria-se uma boa coordenação entre informações científicas (aquelas faladas por médicos, enfermeiros e cientistas de modo geral) e órgãos públicos para o emprego de campanhas informativas e medidas e orientação junto à população (Harari, 2020) de modo a refutar toda informação maliciosa que tem o intuito de causar danos à saúde coletiva.

Para ilustrar o cenário de desinformação na pandemia de coronavírus, isto é, o de compartilhamento de notícias falsas pelas redes digitais, a associação civil sem fins lucrativos, AVAAZ - uma comunidade on-line de mobilização social que existe desde 2007 - realizou uma pesquisa ainda em maio de 2020, que demonstrou que em pouco mais de três meses desde a declaração de pandemia por parte da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 110 milhões de pessoas já tinham acreditado em uma notícia falsa acerca do coronavírus, no Brasil (Mayara, 2020). Este dado representa sete a cada dez brasileiros que tiveram contato e, posteriormente, acreditaram em uma notícia fraudulenta a respeito da pandemia;

quer seja dos modos de contaminação, quer seja de tratamentos curativos, entre outros.

Da mesma forma, Barcelos, Muniz, Dantas, Júnior, Cavalcante e Faerstein (2021), fizeram um levantamento entre os dias 11 de março (data que marcou a declaração de pandemia) e 30 de junho, que identificou 329 *fake news* relacionadas à COVID-19. Os autores tiveram como fonte o site de notícias G1 (vinculado ao grupo Globo) e também o site do Ministério da Saúde, que buscavam desmentir as informações falsas que circulavam. Outro dado importante, diz respeito ao local onde estes conteúdos estavam presentes: principalmente o Whatsapp e o Facebook. A partir destes dados, sugere-se baixos níveis de competências e habilidades no que diz respeito ao modo de lidar com o excesso de informações e os meios os quais são utilizados para se informar por parte da população, justamente pelo alto número de pessoas que acreditavam nesse tipo de informação.

Com base nisso, é possível citar a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que elaborou um Currículo de Alfabetização Midiática e Informacional para a Formação de Professores. O documento foi desenvolvido desde 2008 e revisado por especialistas de diversos países até a sua publicação em 2013, em Português e 2011 em Inglês. As diretrizes previstas no currículo partem de dois tópicos: 1) trabalha as matrizes curriculares e competências com a Alfabetização Midiática e Informacional de maneira ampla e perspectivas gerais do assunto com os professores e; 2) propõe módulos centrais e complementares do currículo. Conforme o documento, a “formação de Professores representa o componente de uma abrangente estratégia para fomentar sociedades alfabetizadas em mídia e informação e para promover a cooperação internacional” (Wilson et al., 2013, p. 11).

Além disso, no Brasil, existem diretrizes nacionais estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC - documento normativo fornecido pelo Ministério da Educação, do Brasil, que serve como referência obrigatória para a formulação de currículos escolares e para propostas pedagógicas direcionados a escolas públicas e privadas) desde 2018, de que o tema *fake news* deve ser trabalhado como objeto de interesse na educação básica brasileira,

principalmente na disciplina de Língua Portuguesa. Questões que, quando colocadas em um contexto epidêmico, ganham ainda mais relevância no combate à desinformação e qualidade de informações à população.

Por isso, este estudo teve o objetivo de verificar a habilidade que professores, enquanto educadores e referência no aprendizado, de ensino médio de duas escolas no Brasil, possuem em identificar e checar informações falsas a respeito da pandemia de Covid-19; bem como explorar se tais questões foram trabalhadas junto aos alunos em sala de aula para transmitir tal conhecimento a um público tão suscetível como é o de adolescentes cuja idades variam de 15 a 18 anos, (idade média dos discentes os quais os professores voluntários deste estudo lecionam) pensando no trabalho em prevenção às informações falsas como uma ferramenta pedagógica em sala de aula.

## 1. Fake news e literacias: Definições e contribuições para o desenvolvimento de competências frente às informações falsas

97

Conforme Allcott e Gentzkow (2017), é possível definir como *fake news* todo e qualquer conteúdo que foi construído intencionalmente para ser falso e ser compartilhado com um objetivo: geralmente, para causar danos a algo ou alguém. Além disso, os autores afirmam que uma *fake news* precisa ser logicamente plausível, isto é, precisa parecer verdade para que ganhe esta percepção do público ou de quem a recebe para que, assim, possa atingir o objetivo inicial para o qual foi criada. Essa perspectiva se assemelha à de Conroy, Rubin e Chen (2015), que compreendem as *fake news* como um conteúdo que possui o signo de notícia, mas que é comprovadamente falso, construído também com o objetivo de enganar o leitor.

Por outro lado, a ideia de *fake news* é criticada por Wardle e Derakhshan (2017). Na visão dos autores, o termo não é capaz de abranger toda a complexidade do fenômeno desinformativo e acaba por reduzi-lo a simples informações falsas. A expressão também passou a ser apropriada de maneira leviana, sobretudo, por políticos em todo mundo que, ao se depararem com uma informação que para eles é desagradável, tiram a credibilidade (no caso de uma

informação verdadeira) e as rotulam como *fake news*, mesmo se a informação em questão seja verdadeira (Alzamora; Andrade, 2019).

Deste modo, Wardle e Derakhshan (2017) apontam para três tipos de conteúdos que possuem teor desinformativo: *disinformation* (desinformação), referindo-se às informações falsas criadas premeditadamente e direcionadas a um objetivo e com o intuito de causar dano; *misinformation* - apesar de não haver uma tradução literal, alguns autores brasileiros trabalham com a ideia de desinformação não intencional (Recuero, 2019; Alvim; Zilio; Carvalho, 2023) - quando o conteúdo fraudulento é compartilhado de forma impensada e impulsionada pelos algoritmos presentes na lógica e organização das plataformas digitais e; *malinformation* (informação maliciosa) quando uma informação verdadeira é utilizada com o intuito de causar dano a algo ou alguém. Neste caso, é possível citar informações retiradas de contexto, por exemplo, quando uma informação verdadeira é veiculada em um contexto falso e ressignificada em uma narrativa e compartilhada com o intuito de legitimá-la como verdadeira (Wardle; Derakhshan, 2017)

Com base nisso, os autores categorizam sete tipos de conteúdos potencialmente desinformativos, são eles: 1) contexto falso e 2) manipulação de contexto, isto é, quando um conteúdo verdadeiro é colocado em um contexto falso e/ou manipulado; 3) sátira ou paródia, que apesar de não ter a intenção de desinformar, ainda possui potencialidade enganadora; 4) conteúdo enganoso objetivado em causar danos a um tema ou pessoa; 5) conteúdo manipulado, quando uma informação verdadeira é usada para enganar as pessoas; 6) conteúdo impostor quando as fontes são falsas; 7) conteúdo criado e integralmente falso criado sob a intenção de desinformar e causar dano.

Conforme Santaella (2019), uma das principais características da desinformação na contemporaneidade e da dificuldade de as pessoas lidarem com este fenômeno, diz respeito ao excesso de informações advindas de múltiplas fontes (confiáveis ou não), dificultando a clara percepção e identificação de conteúdos potencialmente falsos. Em meio a isso, Loureiro e Rocha (2012) chamam a atenção para o papel da literacia de informação, pois entendem que, em paralelo ao processo de evolução e de adaptação dos métodos de acesso às

informações, ela deve ser trabalhada a fim de capacitar as pessoas a lidarem com as novas ferramentas de comunicação digital, para que precisamente estas saibam lidar frente ao problema da desinformação recorrente a esses processos.

O termo literacia tem sua origem na literatura anglo-saxônica (*literacy*) e diz respeito a um conjunto de habilidades de leitura e de escrita, que permite a identificação de palavras, o conhecimento da ortografia e, principalmente, a aplicação de conhecimentos textuais aos processos linguísticos e cognitivos de compreensão (Morais, 2013). De maneira mais específica, indo além destas habilidades, Pedroso (2012) trabalha a noção de literacia da informação. Na perspectiva do autor, trata-se de é uma competência essencial que permite ações eticamente corretas do indivíduo a partir do modo como interage frente aos meios de comunicação e informação. Taylor (1986) também diz que a literacia de informação parte do conjunto de conhecimentos e de habilidades que os indivíduos devem ter a fim de se comportarem de forma eficaz em meio a uma sociedade rica em informação (De Deus; Nogueira, 2022).

Finalmente, destaca-se as contribuições de Potter (2021) quanto à literacia midiática neste contexto. Este tipo de literacia diz respeito à uma conjuntura de perspectivas desenvolvidas ao longo da vida dos indivíduos que os permite aplicar os conhecimentos obtidos com base na interpretação de mensagens (informações) disponibilizadas em qualquer tipo de mídia: on-line ou off-line.

Ainda segundo o autor, o processo de desenvolvimento de habilidades com os meios de comunicação digital - da literacia midiática em si - é um processo contínuo de e, sendo assim, Potter (2021) estabelece a sua teoria a partir de oito níveis de estágio: 1) aquisição de fundamentos: ocorre nos primeiros anos de vida do indivíduo, aprendizagem de forma e cor, expressão facial e sons naturais; 2) aquisição de linguagem: ocorre entre dois e três anos de vida, com o reconhecimento de algumas “personagens”; 3) aquisição de narrativas: entre os três e cinco anos de vida, ficção e não ficção de perspectivas; 4) desenvolvimento do ceticismo acerca do que adquire como informação: entre cinco e nove anos de idade; 5) desenvolvimento intensivo: logo após o estágio anterior (muitos indivíduos tendem a estagnar neste estágio pelo resto da vida), pela forte motivação para procurar informação sobre determinadas temáticas e, muitas, que

apenas reforcem percepções já pré-motivadas; 6) experimentação exploratória: quando a inserção aos dispositivos midiáticos ocorre; 7) apreciação crítica: um dos estágios mais importantes, pois será neste momento que o indivíduo terá o conhecimento, ou seja, as habilidades a lidarem com os dispositivos midiáticos digitais e, 8) responsabilidade social: momento em que o indivíduo possui a capacidade de ter uma avaliação crítica de todos os tipos de mensagens (e informações) oriundas e compartilhadas no ecossistema midiático digital, por meio dos meios digitais de comunicação.

Por isso, acredita-se que a presente discussão contribua sobremaneira para o combate à desinformação na contemporaneidade, de modo a desenvolver nos indivíduos, principalmente os mais jovens (Naeem; Bhatti; Khan, 2020), competências e habilidades que possam ajudá-los a lidar com a alta “oferta” informacional atualmente e o próprio papel da mídia e de fontes de informação, assim, limitando os efeitos que a desinformação pode trazer para a vida em sociedade.

100

## 2. Método

Este é um estudo de natureza exploratória com levantamentos quantitativos e qualitativos, com a participação de amostras não-probabilísticas e a utilização de questionários on-line, além da realização de entrevistas em profundidade on-line com os voluntários. Os estudos de cunho exploratório podem ser realizados como experimentos baseados em investigações empíricas (Marconi; Lakatos, 2021). Já para Novelli (2006), as amostras quantitativas não-probabilísticas reúnem critérios intencionais e de conveniência por parte dos investigadores, neste caso, levantar o que ocorre com o ensino médio das escolas participantes no desenvolvimento da literacia midiática e de informação junto aos professores.

Creswell e Creswell (2017) afirmam que as pesquisas qualitativas são importantes para definir as variáveis obtidas por meio de um levantamento quantitativo alcançado pela mesma investigação. Nogueira (2019) conclui que os estudos qualitativos são relevantes e proporcionam uma melhor compreensão do problema abordado.

Assim, o experimento foi feito junto a professores de duas escolas públicas que oferecem o ensino médio na cidade de Botelhos, município escolhido por conveniência para a realização da pesquisa, localizado no sul do estado de Minas Gerais. Conforme o censo realizado em 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade possui 14.828 habitantes, com o Índice de Desenvolvimento Humano em 0,702 e uma taxa de escolarização entre 6 e 14 anos em 96,7.

O presente estudo descreve, no primeiro momento, os dados quantitativos da pesquisa intitulada “A Identificação de *Fake News* por Alunos e Professores: Um Experimento em Escolas Públicas no Brasil (De Deus; Nogueira, 2022) para, posteriormente, aprofundar os resultados com a realização de um estágio qualitativo com alguns dos professores que participaram da pesquisa supracitada.

A pesquisa de De Deus e Nogueira (2022) fez um levantamento quantitativo com alunos e professores das mesmas escolas que participaram das discussões presentes neste trabalho. A proposta dos autores foi avaliar qual o nível de aproveitamento dos respondentes em identificar informações falsas sobre diferentes assuntos, como política e saúde pública. Destaca-se que para este artigo foram recortados, especificamente, somente os dados relacionados à informação falsa acerca de um surto de contaminação de COVID-19 entre animais domésticos e humanos.

Dessa forma, o presente estudo foi dividido em duas partes; na primeira, 27 professores divididos entre as disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Matemática, Física, Educação Física, Biologia, Filosofia e Química responderam a um questionário a respeito de suas percepções a respeito das *fake news*, bem como se já trabalharam de forma didática o tema em sala de aula junto aos alunos - dados recortados do trabalho de De Deus e Nogueira (2022). Desta amostra, 77,8% foram do sexo feminino e 22,2% do sexo masculino, sendo 62,9% com idade até 40 anos e 81,4% com idade até 50 anos (De Deus; Nogueira, 2022). A partir dos dados quantitativos, os investigadores fizeram um convite para que os docentes participantes da primeira amostra participassem também da segunda fase de estudo que foi realizado por meio de entrevistas on-line. É neste estágio que novos resultados aparecem e novas discussões emergem.

Cinco dos professores com idades entre 29 e 53 anos se voluntariaram, cujas disciplinas que lecionam são: Língua Portuguesa, Geografia e Biologia. Cada entrevista durou no máximo 45 minutos. Nelas, os docentes foram questionados a respeito do modo como lidam com as *fake news*, principalmente que envolvam a pandemia de COVID-19 e como trabalham (se trabalham) o assunto junto aos alunos em sala de aula.

Além disso, eles também passaram por um teste de verificação de *fake news*: foi-lhes apresentado uma notícia que dava conta de um estudo norte-americano que constatou o surto de contaminação de COVID-19 entre animais domésticos e humanos em alguns países asiáticos e casos de mortes por esse tipo de contaminação no Brasil. A informação foi construída conforme características comuns de uma *fake news* citados por Wardle e Derakhshan (2017), como: a não citação de outras fontes, comentários de “especialistas” sobre o surto, mas sem apresentação de seus nomes ou credenciais acadêmicas; erros informacionais geográficos e erros ortográficos.

Como principal fundamento, levou-se em conta informações da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), instituto de pesquisa do Governo Federal Brasileiro, que disponibiliza em seu portal esclarecimentos de boatos da possibilidade de contaminações por COVID-19 entre animais domésticos e humanos. Para isso, o médico veterinário Paulo Lisboa, pesquisador do Instituto de Comunicação e Informação em Saúde (ICICT), da Fiocruz, afirma em uma publicação:

Não há evidência ou estudos nesse sentido. Os poucos animais infectados parecem ter adquirido a infecção dos seus donos, pelo contato direto, e não o inverso. Tampouco há evidência de que animais sejam vetores mecânicos ou possam carregar o vírus, ou que o vírus possa se replicar nos animais. (Lisboa, 2020, s/p)

Ademais, também foi apresentada aos professores uma outra notícia falsa que, agora, mostra em uma imagem acompanhada de uma legenda, do Prêmio Nobel Luc Montaigner, em que ele diz que todas as pessoas vacinadas contra COVID-19 morrerão em dois anos. No entanto, a mesma informação foi desmentida pelas principais agências de checagem de informação do Brasil, como “Fato ou Fake”, “Aos Fatos” e “Agência Lupa” (Afonso; 2021; Domingos, 2021; Pacheco, 2021). A seguir, é possível ter acesso aos instrumentos utilizados:

### Notícia 1:

#### **“Pesquisadores norte-americanos, confirmam que o coronavírus pode ser transmitido entre animais domésticos e humanos; os sintomas se agravam**

De acordo com o relatório científico publicado no último dia 23 de maio, pela Universidade de Harvard, na Califórnia, é possível a contaminação de Covid-19 entre animais domésticos e seus donos. Segundo os cientistas, a doença adquirida por essa forma de contaminação tende à (*sic*) agravar os sintomas nos seres humanos, mesmo que o paciente não esteja no grupo de risco da doença.

O relatório ainda diz, que isso ocorre devido a deformações que ocorrem no material genético (RNA) do vírus, após entrar em contato com o organismo do animal. Desta forma, se relacionando com outros micro-organismos presentes na corrente sanguínea do animal e se tornando em material estranho ainda mais prejudicial para o ser humano. Para um dos pesquisadores, o isolamento social ajudou para que um surto ainda mais violento da doença não ocorresse. Isso por que (*sic*), os números de passeios com os animais em locais públicos e com aglomerações caiu muito durante a pandemia, assim evitando o contato dos pets com pessoas ou superfícies possivelmente contaminadas.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), já foram registradas 158 mortes em todo o mundo causada pela contaminação entre animais domésticos e humanos. No Brasil, foram confirmadas apenas duas mortes por esse tipo de contaminação. Mas, países como Tailândia, Irã, Filipinas e Mongólia, possuem as situações mais críticas de casos e mortes causadas por essa contaminação.

Os pesquisadores que realizaram esta primeira etapa do estudo, buscam agora, uma solução para que os animais não se contaminem, a fim de diminuir o número de pessoas contaminadas principalmente nos países em que a situação é mais preocupante.”

### Notícia 2



**“TODAS AS PESSOAS VACINADAS MORRERÃO DENTRO DE 2 ANOS.”- Prêmio Nobel Luc Montagnier.**  
Na entrevista chocante, o maior virologista do mundo afirmou sem rodeios: “Não há esperança e nenhum tratamento possível para aqueles que já foram vacinados. Devemos estar preparados para cremar os corpos.” O gênio científico apoiou as afirmações de outros virologistas eminentes após estudar os ingredientes da vacina. “Todos eles morrerão devido a intensificação dependente de anticorpos. Isso é tudo o que pode ser

Figura 1: Notícia falsa que afirma: “Todas as pessoas vacinadas morrerão dentro de dois anos”  
Fonte: Internet (2022)

Por fim, para a análise de dados, as respostas quantitativas foram descritas por frequência absolutas e relativas, por serem elementos categóricos. Além disso, os testes qui-quadrado e Exato de Fisher também foram aplicados para comparar as respostas dos estudantes. Em todas as análises foi considerado o nível de significância de 5%. As análises foram realizadas com auxílio do programa R, que é uma linguagem de programação para análise de dados. Esse software disponibiliza grande variedade de técnicas estatísticas e gráficas, sendo muito utilizado pelos estatísticos. Já as respostas qualitativas foram gravadas durante as entrevistas com a devida autorização por parte do voluntário e analisadas incessantemente pelos investigadores.

### **3. Resultados e discussão**

#### **Análise descritiva quantitativa**

Como descrito no método, no primeiro estágio desta investigação foi feito um levantamento descritivo quantitativo a partir de respostas obtidas junto aos 27 professores que responderam a um questionário on-line (De Deus; Nogueira, 2022). Com base nos dados, obteve-se vários diagnósticos a respeito de suas percepções acerca das *fake news*, bem como o possível emprego pedagógico do tema com os alunos em sala de aula. Além disso, os docentes também avaliaram a notícia falsa que dava conta do surto de COVID-19 entre animais domésticos e humanos.

Com relação à pergunta “Você se diz capaz de reconhecer uma *fake news*?”, apenas 22,2% dos professores afirmaram serem capazes, do mesmo modo que outra parcela de 22,2% dos docentes disseram que sim, porém, que não possuem certeza em terem esta habilidade. No entanto, a maior parte dos entrevistados (55,6%) afirmou que talvez seja capaz de identificar e classificar uma notícia como sendo falsa. Isto é, a maioria dos entrevistados não possui certeza se são capazes de reconhecer uma notícia falsa e, portanto, suscetíveis aos possíveis danos causados pela desinformação (De Deus; Nogueira, 2022).

Ao terem acesso à notícia fraudulenta do surto de contaminação de Covid-19 entre animais domésticos e humanos, a maioria dos professores soube identificar e classificá-la como falsa, com 59,3% das respostas (De Deus; Nogueira,

2022). Por outro lado, ainda, sim, notou-se uma parcela de 40,7% dos docentes que acreditaram na notícia apresentada (De Deus; Nogueira, 2022). Estes dados, portanto, sugerem baixo nível de literacia de informação por parte dos professores, por se tratar de uma informação até então desconhecida pelo público - precisamente pela sua falsidade - mas que chamou a atenção para um possível novo método de contaminação da doença.

No âmbito pedagógico e escolar, os professores foram questionados se o tema *fake news* já foi trabalhado como objeto de discussão em sala de aula junto aos alunos de ensino médio. Como diagnóstico, notou-se que 74,1% dos professores declararam ter levado a temática para ser discutida nas aulas realizadas, independente da disciplina lecionada por cada entrevistado (De Deus; Nogueira, 2022). Por outro lado, 11,1% afirmaram que jamais trabalharam a temática em aula e outros 14,8% disseram não se lembrar se tais discussões ou atividades acerca do tema ocorreram (De Deus; Nogueira, 2022).

Para finalizar o estágio quantitativo do estudo, dentre os professores que afirmaram discussões ou atividades a respeito de *fake news* na seara escolar, foi perguntado de que maneira avaliaram o entendimento dos alunos quando o assunto foi trabalhado em aula. Para isso, foi conferido a eles uma escala de 1 a 5, partindo de péssimo (1) e chegando a ótimo (5). Nenhum professor afirmou que os alunos tiveram um entendimento “ótimo”. Contudo, 44,4% classificaram como “regular” a compreensão dos alunos a respeito do tema e apenas 18,5% classificaram como “bom” (De Deus; Nogueira, 2022). O diagnóstico aponta baixo nível de literacia por parte dos docentes no sentido de transmitir de forma prática os possíveis conhecimentos que possuem a respeito do assunto, ou mesmo, falta de confiança em suas próprias habilidades pedagógicas para tratar de um tema ainda pouco explorado no ambiente onde estão.

### **Análise qualitativa**

Com base nos dados coletados na fase quantitativa do estudo, foi proposto, então, uma análise mais profunda da temática junto a cinco professores que participaram de entrevistas on-line e detalharam as percepções acerca das *fake news* e da metodologia adotada em sala de aula na abordagem do tema - entre os

docentes que afirmam tal acontecimento. Foram entrevistados cinco professores; dois da área de Linguagens, dois de Humanas e um de Biológicas.

Quanto à pergunta: **O que são *fake news* para você e como elas podem afetar a sociedade?**

Notou-se que, para os professores, *fake news* são conteúdos construídos de forma sistemática e intencional por quem as criam e são danosas à sociedade de toda maneira, principalmente pelo fato de uma mentira carregar a simbologia de uma notícia real.

“São mentiras muito bem contadas. Elas são montadas sempre com um objetivo. É uma forma de não contar a verdade para as pessoas e de enganá-las. Na nossa escola, durante a pandemia, por exemplo, inventou-se casos positivos de alunos, de professores, enquanto, eram somente casos suspeitos. Pareciam que não queriam voltar às aulas.” (Resposta do docente de Linguagens)

“São notícias falsas colocadas ao público como a própria verdade. Inclusive, muitas vezes, utilizadas como estratégia de comunicação, por exemplo, na propaganda; onde as empresas criam uma imagem irreal ao produto somente para convencer as pessoas a comprá-lo. Porém, isto também varia de acordo com público, quer dizer, algumas pessoas são mais capazes de identificar tal mentira e não acreditar nela, enquanto outras não têm essa habilidade. Na pandemia, vimos como elas podem afetar as pessoas ensinando a elas curas milagrosas; no campo das políticas, enfim, pode impactar vários setores da sociedade” (Resposta do docente de Humanas)

“São notícias falsas envolvidas com algum tipo de interesse e que são repassadas ao público. Elas podem causar danos extremos. Na pandemia, elas desencorajaram as pessoas a se vacinarem, atrapalhando a campanha de imunização, mas incentivaram as pessoas a tomarem medicamentos sem comprovação científica; a política é outro campo sólido para isso, pois há muito interesse envolvido.” (Resposta do docente de Biológicas)

“São notícias construídas fora da realidade. Acho interessante, pois muitas vezes as pessoas não acreditam puramente em dada informação falsa, mas confiam em quem passa, por exemplo, um parente, um ídolo ou uma pessoa importante do ambiente de trabalho ou do bairro. E elas podem afetar as pessoas de vários modos, pois, para elas, aquela mentira é uma verdade.” (Resposta do docente de Linguagens)

“São mais do que notícias falsas; são conteúdos montados intencionalmente com o interesse em agredir a imagem de alguém ou de proteger determinada posição. O que é diferente, por exemplo, da notícia errada, que pode acontecer quando um jornalista se equivoca e passa uma informação que não é exata. Com relação ao impacto, o maior exemplo é o nazismo e o que Goebbels e Hitler fizeram na Alemanha. As *fake news* têm um forte impacto político e em um processo eleitoral” (Resposta do docente de Humanas)

Quanto à pergunta: **O que você leva em conta ao avaliar uma notícia como falsa?** Observou-se também que os professores levam em conta, entre outros elementos, a linguagem empregada pelo texto ou por quem anuncia a notícia passiva de ser falsa. Os professores também fizeram observações a partir das imagens que acompanham o conteúdo que, de alguma forma, podem servir para endossar a percepção de veracidade que a notícia apresentada tem o objetivo de passar. Porém, ainda existem certas dificuldades ao analisarem determinado conteúdo.

“A linguagem, se existe sensacionalismo, o tipo de vocabulário empregado seja em texto ou vídeo. Quando o conteúdo é acompanhado por imagens, eu sempre me atento à qualidade da imagem., nitidez, pixelagem, etc.” (Resposta do docente de Linguagens)

“Quando ela é muito impactante, sempre desconfio. Pois quem criou ela tem o objetivo de impactar as pessoas para que essas pessoas compartilhem o conteúdo e a mentira ganhe a proporção de uma verdade”. (Resposta do docente de Humanas)

“Tenho muita dificuldade. Por isso, toda informação que eu recebo eu pesquiso em outros lugares para me certificar se é verdade ou não”. (Resposta do docente de Linguagens)

“Se é algo que impacta, eu desconfio. Recentemente, no caso da Joice Hasselmann<sup>3</sup>, eu desconfiei muita da história contada e da imagem que circulava dela pela internet. Por isso, procurei por outros sites para obter mais informações sobre o caso.” (Resposta do docente de Humanas)

“Eu sempre desconfio quando o título chama a atenção”. (Resposta do docente de Biológicas)

Quanto à pergunta: **Você já trabalhou *fake news* de forma didática em sala de aula?**

Diagnosticou-se, ainda, que o tema *fake news* jamais foi proposto de forma didática, isto é, nunca existiu uma preparação e um método, tampouco uma metodologia pedagógica criada ou pesquisada por parte dos professores para que a temática fosse levada a sala de aula e trabalhada com os alunos como uma ferramenta de reflexão sobre os impactos da desinformação na sociedade atual.

---

<sup>3</sup> A deputada brasileira acordou no dia 18 de julho de 2021, caída ao chão do próprio apartamento, com vários hematomas pelo corpo. A parlamentar não soube informar o que houve. O caso passou a ser investigado e foi descartada a possibilidade de agressão. Disponível: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/08/13/joyce-hasselmann-policia-do-df-diz-que-deputada-caiu-da-propria-altura.ghtml>

“Sim, mas não de maneira didática e nem houve um direcionamento por parte da BNCC para isso. Penso que a temática devesse ser mais atribuída à disciplina de linguagens, como Língua Portuguesa. Quando levei o assunto para sala de aula, foi para discutir a respeito de questões agrárias. Na época, havia tido uma forte geada<sup>4</sup> em Guaxupé e muitas pessoas havia dito que nevou na cidade. Então, expliquei aos alunos que, por condições geográficas e físicas, era impossível nevar em Minas Gerais. Também já falamos rapidamente sobre *fake news* em política, mas, nada aprofundado.” (Resposta do docente de Humanas)

“Existe uma diretriz da BNCC, mas nada muito especificado. *Fake news* é colocada dentro da globalização, modernidade, como uma das temáticas do cotidiano contemporâneo, mas nada que aborde especificamente o tema. Neste sentido geral, já levei aos alunos.” (Resposta do docente de Humanas)

“Peguei alguns ‘ganchos’ para falar sobre vacinas e drogas, os impactos que isto traz para as pessoas em saúde pública. Nunca preparei uma aula ou fui orientado(a) a fazer isto.” (Resposta do docente de Biológicas)

“Sim, uma vez. Foi para a produção de texto. Pedi aos alunos que escrevessem a respeito do tema, mas não me lembro exatamente qual foi o propósito da atividade. Porém, vêm algumas diretrizes da BNCC em livros didáticos que citam *fake news*, mas não de forma específica que traga uma reflexão aprofundada.” (Resposta do docente de Linguagens)

### Quanto à pergunta: **Como você avaliou o entendimento dos alunos a respeito de suas explicações?**

Entre os professores que trabalharam o tema em aula - mesmo que de maneira não aprofundada - também afirmaram que os alunos tiveram um bom entendimento do assunto. Porém, foram ressaltadas, por exemplo, dificuldades quanto ao modelo público de ensino no Brasil que, de acordo com uma das respostas dada, impossibilita um aproveitamento satisfatório quanto ao entendimento da temática.

“Levando em conta o modelo de ensino que temos é impossível todos os alunos entenderem tudo. Uma sala com 40 estudantes, em média 10 alunos conseguem compreender bem essas explicações até por se tratar de um tema tão atual.” (Resposta do docente de Humanas)

“Eles conseguiram compreender bem, eles estão nesse ambiente digital, sabem o que são *fake news* e possuem certa noção do que elas podem fazer com as pessoas. Porém, noto que eles nunca checam a notícia em outros lugares.” (Resposta do docente de Linguagens)

---

<sup>4</sup> Em julho de 2021, inverno no hemisfério sul provocou fortes geadas que destruíram lavouras de café na região do Sul de Minas. Devido à grande repercussão do caso, boatos de que havia nevado na região passaram a circular pelas redes sociais. Disponível em: <https://correiosudoeste.com.br/noticia/2370/FORTES-GEADAS-NO-BRASIL-ATINGEM-CINTUR%C3%83O-DO-CAF%C3%89-E-PREJUDICAM-SAFRAS>

“Eles tiveram um bom entendimento pois este é um assunto que chama a atenção deles e porque é algo do dia a dia. Quando algo é colocado na realidade deles, facilita o entendimento seja de qualquer assunto.” (Resposta do docente de Humanas)

Não obstante, observou-se que os professores de diferentes disciplinas e áreas de conhecimento apontaram dispositivos específicos que podem ser trabalhados na promoção à reflexão sobre *fake news* bem como compreender o assunto e seus efeitos.

Quanto à pergunta: **Dentro de sua disciplina, o que pode ajudar no trabalho pedagógico do tema *fake news* em sala de aula?**

O pensamento crítico e uma boa interpretação de texto foram apontados pelos docentes, o que se relaciona precisamente às habilidades das literacias de informação e midiática.

“Principalmente o pensamento crítico, um olhar cético, desconfiado sobre o que se vê. Pensar em possibilidades dentro da realidade e dentro daquilo que já se sabe como informação, como a ciência. Na pandemia isto ficou evidente.” (Resposta do docente de Humanas)

“Discutindo e apresentando exemplos de *fake news* e dos diferentes tipos de mentiras que podem ser contadas perante a sociedade.” (Resposta do docente de Humanas)

“Interpretação de texto e dos sinais, tanto verbais quanto visuais. Sabemos que as *fake news* não são somente textos. O treinamento sobre a linguagem e interpretação são essenciais.” (Resposta do docente de Linguagens)

“Estou muito ligado (a) à saúde. Penso que se trazer casos de como mentiras disfarçadas de notícias podem prejudicar a saúde coletiva, pode ser um bom motivo para que eles se atentem e tenham responsabilidade sobre tudo o que se recebe e compartilha.” (Resposta do docente de Biológicas)

### **Teste de verificação e checagem de informação**

No último estágio deste estudo, foi apresentado aos professores a notícia falsa do surto de contaminação de Covid-19 entre animais domésticos e humanos e foi pedido a eles que avaliassem a autenticidade da notícia, bem como os motivos para chegarem a tal conclusão.

Quanto às perguntas: **É uma *fake news*? O que levou você a chegar nesta conclusão?** De modo geral, quatro dos cinco professores da fase qualitativa afirmaram se tratar de uma *fake news*. Contudo, verificou-se diferentes argumentos que justificaram a afirmação, como; a linguagem vaga, erros

ortográficos notados e a não veiculação do fato em veículos tradicionais de credibilidade no Brasil e no mundo.

“É uma *fake news*. Não ouvi falar dessa informação. O texto é bem feito, tem características de uma notícia real, mas o fato de não ter sido colocado em meios como a TV, me desconfia.” (Resposta do docente de Humanas)

“É uma notícia real. A Covid é uma doença nova, pouco se sabe dela e a cada dia se descobre algo novo. O texto é bem escrito e tem lógica aos argumentos utilizados.” (Resposta do docente de Linguagens)

“É falsa. Existem erros ortográficos, a linguagem é vaga, não caracteriza um linguajar conciso como o jornalístico, não cita pesquisadores específicos e também não ouvi falar desta informação.” (Resposta do docente de Linguagens)

“Falsa. Se fosse no início da pandemia me convenceria. O texto cita 158 mortes, penso que se tivesse chegado a este ponto, algo já deveria ter sido mencionado pela imprensa como um todo.” (Resposta do docente de Biológicas)

“Não é verdadeira. Não há estudo que aponte isto. O texto não cita autores da pesquisa e a linguagem me parece leviana, um tanto quanto vaga.” (Resposta do docente de Humanas)

#### Quanto à pergunta: **De que modo você realizou a pesquisa?**

Por fim, foi enviada, via aplicativo de mensagem aos professores, a *fake news* que dava conta dos efeitos letais da vacinação contra Covid-19 dentro do período de dois anos. Os professores, por conta própria, fizeram a pesquisa na internet e utilizaram o *Google* como ferramenta. Notou-se, ainda, que a editoria de checagem de fatos “Fato ou Fake”, ligada ao Grupo Globo, foi a que mais se fez presente entre os resultados, mesmo que, todos os professores afirmaram não ter o conhecimento do que é uma editoria ou agência de verificação de informação. O jornal brasileiro Estado de São Paulo também foi citado, porém, tendo credibilidade sob a perspectiva de um docente e descredibilidade na de outro professor. Dessa forma, quatro deles tiveram êxito em encontrar a informação checada e, portanto, desmentida, enquanto o outro docente apresentou dificuldades em realizar a tarefa.

“Eu digitei todo o título que aparece na imagem e fui direcionado (a) ao “Fato ou Fake.” (Resposta do docente de Humanas)

“Digitei o nome do pesquisador que aparece na imagem e adicionei a palavra ‘vacina’. Encontrei em sites como o ‘Fato ou Fake’ e ‘Estado

de São Paulo'. E acredito na falsidade da informação pela credibilidade que estes dois sites têm." (Resposta do docente de Linguagens)  
"Escrevi todo o título da notícia e encontrei a checagem no 'Fato ou Fake'". (Resposta do docente de Biológicas)

"Digitei somente o nome do pesquisador, mas não consegui encontrar a checagem desta notícia. Apenas encontrei no 'Estado de São Paulo', mas não confio neste jornal pois acho ele tendencioso, e a notícia não é a mesma sobre as vacinas." (Resposta do docente de Linguagens)

"Digitei o nome do pesquisador e encontrei no G1." (Resposta do docente de Humanas)

### Considerações finais

Este estudo demonstrou a necessidade de uma maior atenção por parte de políticas públicas educacionais que promovam o tema *fake news* em escolas, principalmente em meio a uma pandemia, tema este, referenciado diversas vezes pelos voluntários deste levantamento e utilizado como objeto de discussão. Assim, no primeiro momento, faz-se necessário uma melhor capacitação dos professores da rede de ensino para que estes possam levar o tema a jovens alunos tão imersivos no ambiente digital, para que eles tenham uma preparação dentro da própria escola e um bom desempenho de suas ações nos ambientes digitais.

Observou-se que os docentes das disciplinas de linguagens, como Língua Portuguesa e Ciências Sociais como Geografia, tiveram maior êxito em apontarem elementos que caracterizam a *fake news* usada no experimento como sendo falsa. Além do mais, se mostraram mais efetivos ao realizarem a checagem de uma informação pela internet. Em contrapartida, com relação à faixa-etária, aqueles que apresentam idade mais elevada dentro do recorte feito, tiveram maior dificuldade ao realizar esta atividade em específico.

Esta investigação também reconhece a amostra, justamente pela limitação quantitativa no primeiro momento e de características do voluntariado, no segundo. Dessa forma, faz-se interessante o desenvolvimento de estudos similares como a este em realidades distintas sob o ponto de vista econômico, social e cultural em escolas públicas no Brasil, mas também em outras nações, levando a discussão em sala de aula com criação de programas voltados para o desenvolvimento de habilidades midiáticas e combate à desinformação. Assim, para que haja uma delimitação, novos apontamentos e diagnósticos, além de

novas linhas de estudos que possam ser elucidadas a partir da problemática apontada neste artigo.

### Referências

AFONSO, N. **É falso que vencedor do Prêmio Nobel disse que vacinados irão “morrer em dois anos”**. Lupa Uol, 10 de junho de 2021. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/06/10/verificamos-vencedor-nobel-vacina>. Acesso em: 27 dez. 2023.

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, 31 (2), p. 211-236, 2017. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~gentzkow/research/fakenews.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2020.

ALVIM, F. F.; ZILIO, R. L.; CARVALHO, V. O. Desinformação: o que é, o que não é e quando. **Revista do TER-RS**, n. 52, 2023.

ALZAMORRA, G.; ANDRADE, L. A dinâmica transmídia de *fake news* conforme a concepção pragmática de verdade. **MATRIZES**, São Paulo, 13 (1), p. 109-131, 2017 DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p109-131>. Acesso em: 21 jun. 2021.

ARAÚJO, C. A. Ávila. Infodemia, desinformação, pós-verdade: o desafio de conceituar os fenômenos envolvidos com os novos regimes de informação. **The International Review of Information Ethics**, Edmonton, Canada, v. 30, n. 1, 2021. DOI: 10.29173/irie405.

BARCELOS, T. N.; MUNIZ, L. N.; DANTAS, D. M.; JUNIOR, D. F. C.; CAVALCANTE, J. R.; FAERSTEIN, E. Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, n. 45, v. 65, 2021. DOI: [10.26633/RPSP.2021.65](https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.65). Acesso em: 26 dez. 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. Base nacional comum curricular: ensino médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CONROY, N.; RUBIN, V. & CHEN, Y. Automatic deception detection: Methods for finding fake news. **Association for Information Science and Technology**, Saint Louis, p. 6-10, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1002/pa2.2015.145052010082>. Acesso em: 25 mar. 2023.

CRESWELL, J.; W. CRESWELL, J. D. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. Sage publications, 2017.

D'ANCONA, M. Pós-verdade / Matthew D'ancona; [tradução Carlos Szlak]. - 1. Ed. - Barueri: Faro Editorial, 2018.

DE DEUS, D.; CARLOS NOGUEIRA, A. . A identificação de fake news por alunos e professores: um experimento em escolas públicas no Brasil. **Culturas Midiáticas, [S. l.]**, v. 16, p. 21, 2022. DOI: 10.22478/ufpb.2763-9398.2022v16n.61652. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/61652>. Acesso em: 27 dez. 2023.

DELMAZO, C. & VALENTE, J. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*, Lisboa, 18, (32), p. 155-169, 2018. DOI: [https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_32\\_1](https://doi.org/10.14195/2183-5462_32_1). Acesso em: fev. 2023.

DOMINGOS, R. É #FAKE que Nobel de Medicina disse que todos que tomarem vacina contra Covid morrerão em dois anos. Fato ou Fake, 27 de maio de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/05/27/e-fake-que-nobel-de-medicina-disse-que-todos-que-tomarem-vacina-morrerao-em-dois-anos.ghhtml>. Acesso em 27 dez. 2023.

DUFFY, A.; TANDOC, E. & LING, R. Too good be true not share: the social utility of fake news. *Taylor & Francis Online*, 23 (13), p. 1965-1979, 2020 DOI: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2019.1623904>. Acesso em: 27 mar. 2022.

HARARI, Y. **Notas sobre a pandemia: e breves lições para o mundo pós-coronavírus**/ Yuval Noah Harari; tradução Odorico Leal. - 1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ISMAILOVA, L.; WOLFENGAGEN, V.; KOSIKOV, S.; MASLOV, M.; DOHRN, J. Semantic models to indicate pos-truth with fake news channels. *Procedia Computer Science*, Moscou, 169, p. 297-303, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.procs.2020.02.182>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877050920303057?via%3Dihub#section-cited-by>. Acesso: 26 dez. 2023.

KUCINSKI, B. Jornalismo, saúde e cidadania. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [online], v. 4, n. 6, p. 181-186, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832000000100025>. Acesso em: 27 out. 2021.

LISBOA, P. Covid-19: pesquisador esclarece quais cuidados devem ser tomados com os animais domésticos. Entrevista concedida à Fundação Oswaldo Cruz, PH de Noronha, junho de 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-pesquisador-esclarece-quais-cuidados-devem-ser-tomados-com-os-animais-domesticos>.

LOPES, F; ARAÚJO, R. A. M.; MAGALHÃES, E. O.; SÁ, A. M. T. de. Covid-19: jornalistas assumem orientação dos cidadãos pela primeira vez em Portugal. *Revista Fontes Documentais*, v. 3, p. 183-191, 2020. Disponível em: <https://aplicacoes.ifs.edu.br/periodicos/index.php/fontesdocumentais/article/view/637>

LOUREIRO, A. & ROCHA, D. **Literacia Digital e Literacia da Informação - Competências de uma era digital**. In: MATOS, João Felipe. et al (Eds.) Atas do ticEDUCA2012 - II CONGRESSO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, p. 2726-2738, Lisboa, dez. 2012. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. ISBN 978-989-96999-8-4. <https://repositorio.ipsantarem.pt/handle/10400.15/758>. Acesso em: 14 mar. 2021.

MARCONI, M. & LAKATOS, E. **Fundamentos da metodologia científica**. 9. ed., São Paulo: Atlas, 2021.

MAYARA, J. **Coronavírus: fake news atinge 110 milhões de brasileiros.** Estado de Minas, 2020. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2020/05/21/interna\\_bem\\_viver,1149424/coronavirus-fake-news-atinge-110-milhoes-de-brasileiros.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2020/05/21/interna_bem_viver,1149424/coronavirus-fake-news-atinge-110-milhoes-de-brasileiros.shtml). Acesso em: 25 abr. de 2022.

MORAIS, J. **Criar leitores: para professores e educadores.** São Paulo, Manole, 2013.

NAEEM, S.; BHATTI, R. & KHAN, A. An exploration of how fake news is taking over social media and putting public health at risk. *Health Information and Libraries Journal*, p. 2-7, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/hir.12320>. Acesso em: 15 abr. 2022.

NOGUEIRA, A. C. **O papel da literacia em saúde: compreensão e produção de mensagens de e-saúde para a autogestão da pessoa com diabetes.** Tese de doutorado, Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade Lusófona, Lisboa, 2019. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/11594>. Acesso em: 25 abr. 2022.

NORONHA, P. H. **Covid-19: pesquisador esclarece quais cuidados devem ser tomados com os animais domésticos.** Fundação Oswaldo Cruz, 22 de junho de 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-pesquisador-esclarece-quais-cuidados-devem-ser-tomados-com-os-animais-domesticos>. Acesso em: 30 mar. 2022.

NOVELLI, A. Pesquisa de opinião. In: Duarte, Jorge, Barros, Antônio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

PACHECO, P. **Virologista não disse que vacinados contra Covid-19 morrerão em dois anos.** Aos Fatos, 2 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/virologista-nao-disse-que-vacinados-contracovid-19-morrerao-em-dois-anos/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

PAES, F. A. O. De. **Desinformação científica no Twitter: fixação de crenças em torno da cloroquina durante a pandemia da covid-19.** 2022. 153 folhas. Dissertação (Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PEDROSO, F. M. P. **Literacia da Informação. Um Projeto de Intervenção no âmbito dos comportamentos informacionais dos adolescentes.** Dissertação de mestrado, Departamento de Ciências da Educação e do Patrimônio, Universidade Portucalense, 2012. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/333478/1/Pas-sos\\_JulioCesarFerreiraDos\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/333478/1/Pas-sos_JulioCesarFerreiraDos_M.pdf). Acesso em: 25 abr. 2022.

POTTER, W. **Media literacy.** 10. ed. University of California, Santa Barbara, 2021.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing.** R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2023.

RECUERO, R. da C. Disputas discursivas, legitimação e desinformação: o caso Veja x Bolsonaro nas eleições brasileiras de 2018. *Comunicação Mídia e Consumo*, [S. l.], v. 16, n. 47, p. 432-458, 2019. DOI: 10.18568/cmc.v16i47.2013. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/2013>. Acesso em: 27 dez. 2023.

RIBEIRO, M. M., ORTELLADO, P. O que são e como lidar com as notícias falsas. *Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos*, São Paulo, v. 15, n. 27, p. 71-83, 2018.

SANTAELLA, L. (2019). *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* / Lucia Santaella, - Barueri, SP: Estação das Letras e Cores.

SPINELLI, E. M.; SANTOS, J. A. JORNALISMO NA ERA DA PÓS-VERDADE: fact-checking como ferramenta de combate às fake news. *Revista Observatório*, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 759-782, 2018. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2018v4n3p759. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4629>. Acesso em: 26 dez. 2023.

TAYLOR, R. Value-added processes in information systems. Norwood, N.J: Ablex Publishing, 1986. DOI: <https://doi.org/10.1002/leap/10034br3>. Acesso em: 22 fev. 2021.

TAVARES, L. P.; SILVA, G. de S.; OLIVEIRA, D. L. de. Checagem de fatos no Twitter: desinformação nas eleições do Brasil em 2022: DISINFORMATION IN THE 2022 BRAZILIAN ELECTIONS. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, [S. l.], v. 21, n. 47, 2023. DOI: 10.5902/2175497772251.

WARDLE, C. & DERAKHSHAN, H. (2017). Information Disorder: Toward and interdisciplinary framework for research and policy making. *Council of Europe Report*. <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>.

WILSON, C. GRIZZLE, A. TUAZON, R. AKYEMPONG, K. CHEUNG, C. K. Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores. **UNESCO**, (2013). 194 p. ISBN: 978-85-7652-176-1. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>.

**SUBMETIDO: 01/03/2024**  
**APROVADO: 18/04/2024**